

OS DIVERSOS SUJEITOS E A CRENÇA DE QUE O PROFETA SÃO JOÃO MARIA CONTINUA ENCANTADO NO MEIO DO POVO

Tânia Welter¹

Reflexões, além de produções acadêmicas e literárias a respeito do(s) eremita peregrino João Maria são numerosas, diversificadas e têm início no século XIX. O texto *A trajetória de um eremita peregrino na América Católica do século XIX*, bem como a pesquisa aprofundada do historiador Alexandre de Oliveira Karsburg (2007; 2012) sobre o eremita João Maria de Agostini merecem destaque e marcam um avanço na produção do conhecimento a respeito deste tema.

Este texto buscará, num primeiro momento, ponderar e refletir a respeito das contribuições desta produção, com destaque para os dados sobre o sujeito histórico João Maria de Agostini, pioneiro de uma tradição, e sobre agentes similares, contemporâneos a este italiano – frades capuchinhos, carmelitas e franciscanos, considerados “agentes do Evangelho” em terras americanas. A seguir, apresenta-se uma reflexão antropológica a respeito deste fenômeno, tendo como base discursos contemporâneos de sujeitos catarinenses.

CONTRIBUIÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DO EREMITA JOÃO MARIA DE AGOSTINI

O historiador Alexandre de Oliveira Karsburg realiza uma pesquisa aprofundada e primorosa em documentos, manuscritos², bem como em pesquisas acadêmicas, e nos apresenta dados novos a respeito da trajetória

¹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: taniawelter@yahoo.com.br.

² Segundo Karsburg, o eremita teria deixado manuscritos onde descreve passagens sobre sua vida de peregrino, desde 1827 até a decisão de rumar ao oeste, quando encontrava-se no Canadá, em 1861. Esses manuscritos e os objetos pessoais teriam ficado sob a guarda

intercontinental do eremita João Maria de Agostini no século XIX – desde a Itália, sua terra natal, até sua morte, em território estadunidense. Segundo o autor, Agostini nasceu em 1801, na região do Piemonte, norte da Península itálica, teve o desejo de ser sacerdote, no que foi impedido, por ser aleijado da mão esquerda, e, em 1838, atravessou o Oceano Atlântico e iniciou uma “odisseia” pelo Novo Mundo”. Em terras americanas, Agostini peregrinou pela Cordilheira dos Andes (1838-1843 e 1853-1856), de norte a sul do Brasil (1844 a 1852), por Buenos Aires (1853), Bolívia (1857), Peru (1858), México (1860), Cuba (1861), Quebec (Canadá, 1861) e Estados Unidos (1862-1869).

É importante destacar os dados inovadores a respeito do local de morte, do enterramento e das circunstâncias da morte do eremita. Consta nos registros de Karsburg que Agostini teve uma morte trágica nunca esclarecida (assassinato), em abril de 1869, em sua “última morada” – uma gruta, num cerro próximo do povoado de Mesilla, fronteira com o México, nos Estados Unidos. O registro fotográfico da lápide sobre o túmulo onde o eremita está enterrado com nome de “Don Juan Maria de Justiniani”, no Cemitério de Mesilla, Novo México (EUA), é outro dado que merece destaque³.

Karsburg apresenta-nos aspectos inovadores também sobre a atuação de Agostini em terras brasileiras. Afirma que, mais do que suprir uma escassez numérica de homens capacitados para o trabalho de evangelizar, moralizar e instruir católicos espalhados pelo interior sul-rio-grandense, ideia recorrente na literatura⁴, o eremita conseguiu autorização para trabalhar pelo Estado Brasileiro na pacificação de índios com o objetivo de convencimento ao aldeamento, à catequização e inserção dos indígenas no circuito de produção econômica. Para Karsburg, o italiano sabia de sua condição de leigo, mas tirou proveito das circunstâncias de valorização de frades europeus e da escassez deste tipo de profissionais.

do amigo pessoal, Dom Manuel Romero, que os repassou ao neto, Hipólito Cabeza de Vaca, quando da morte desse.

³ Inspirada na literatura disponível, afirmei anteriormente (Welter, 2007) que João Maria de Agostini teria *desaparecido* por volta de 1875.

⁴ Serpa, 1997, por exemplo.

O historiador afirma que a estada de Agostini não foi tranquila em nenhum país por onde andou. Embora enfrentasse crises espirituais e a indiferença de muitas pessoas, atraía grande número de seguidores e, junto, a desconfiança das autoridades que o viam como um estrangeiro que ameaçava a ordem pública. Foi, portanto, um sujeito paradigmático e controverso, reverenciado e seguido pela população, recebido por chefes de estado. Mobilizou deputados, autoridades eclesiásticas, meios de comunicação de massa, ministros, autoridades judiciais (delegados, subdelegados, inspetores de quartirão, chefes de polícia), padres, presidentes de província e migrantes em sua defesa.

Por fim, gostaria de destacar que Karsburg nos apresenta um sujeito com uma trajetória única, fruto de um contexto específico, que teve um fim trágico e que se deixou conhecer por seus manuscritos e pelos registros de suas ações e de seus envoltimentos em terras americanas. Seria este o santo legitimado e devotado na contemporaneidade pelas pessoas no Brasil e em outros países das Américas?

CONTRIBUIÇÕES SOBRE A AÇÃO DE OUTROS AGENTES ITALIANOS NO BRASIL

No texto publicado nesta revista, Karsburg traz uma contribuição importante quando descreve e compara a trajetória em terras americanas de Agostini a agentes similares, que foram contemporâneos ao italiano, chamados de “agentes do Evangelho” ou “barbadinhos” – frades capuchinhos, carmelitas e franciscanos. Dessa forma, apresenta, reflete e busca elucidar a respeito de cotidianidades, instituições, sujeitos do século XIX, cujas relações são repletas de ambiguidades e conflitos.

Desta pesquisa comparativa, é possível observar aproximações entre os diversos sujeitos – o aspecto físico, uso de uma indumentária específica, prática de peregrinação e rotina disciplinada e ascética. Ambos eram associados pelas pessoas da época aos profetas bíblicos, por suas características físicas (barbas longas), indicando renúncia à vaidade, sua coragem de enfrentar as asperezas do sertão, o uso de sandálias e hábito rústico, indicando uma

escolha por uma vida despojada e sem conforto, em oposição aos padres. Recorrentemente, transmutaram-se em “santos” capazes de atender aos anseios e às expectativas da população.

O costume de erguer cruzeiros por onde passavam, incentivar orações e penitências, usar gestos ritualizados, discursos fortes, pode ser somado às aproximações feitas por Karsburg entre os missionários italianos e João Maria de Agostini.

O historiador afirma que, embora as noções de céu, inferno, juízo e morte fizessem parte da espiritualidade e da cultura religiosa dos habitantes brasileiros do século XIX, não havia as características apavorantes que teriam sido introduzidas pela “pastoral do medo”, levada adiante pelos frades capuchinhos italianos. Nessa perspectiva, a ameaça e a culpabilização ocupam um lugar preponderante. Uma das formas encontradas por estes religiosos para reavivar a fé nas pessoas, guia-las para aquilo que se considerava “sã moral”, afastando-as do pecado e das penas do inferno, era envolvê-las em obras como erguimento de cruzeiros, reforma ou construção de cemitérios, capelas e igrejas. Além disso, propunham um árduo roteiro de “mortificar a vida para se viver na morte”.

Para finalizar, é possível concluir, pela pesquisa de Karsburg, que tanto o eremita solitário João Maria de Agostini quanto os frades franciscanos italianos foram seguidos como homens santos. Sua aparência simples e despojada, seus costumes e hábitos de rígida moral e o teor dramático das suas pregações são alguns elementos motivadores dessa devoção.

Os dados de Karsburg sobre a trajetória desses religiosos em terras americanas no século XIX ajuda-nos a compreender outros movimentos devocionais em torno de agentes religiosos vivos e não canonizados, como João Maria de Jesus e José Maria.

JOÃO MARIA: MUITOS PROFETAS EM UM SÓ SANTO

Numerosos e diversificados pesquisadores buscam conhecer e compreender a significação em torno de agentes religiosos como João Maria. É o caso do trabalho que realizei (Welter, 2007) tendo por motivação compreender

os significados atribuídos a João Maria na contemporaneidade, nos discursos dos protagonistas, denominados *de joaninos*⁵. Para a realização desse trabalho, eu me inspirei e segui pistas de autores que levaram em conta a popularidade contemporânea de João Maria⁶. Inspirada pela noção de discurso como ação humana significativa (Ricoeur, 1989), observei João Maria como “evento fundante” em torno do qual gravitam “múltiplos sentidos” (Ricoeur, 1978). João Maria é um nome que não só aglutina os diversos eremitas peregrinos, mas expressa a unidade dos sentimentos, das expectativas e esperanças de mudança social das populações que participaram de guerras no início do século XX e daquelas que, ainda hoje, o têm – o nome e o personagem – como referência no seu universo simbólico.

A pesquisa empírica⁷ mostrou-me que João Maria é reconhecido e legitimado (Weber, 2000)⁸ por joaninos com vínculos econômicos, étnicos, culturais e religiosos diversos. Conheci os argumentos de devotos, lideranças de movimentos sociais, religiosos e curiosos. Sua imagem e símbolos são também utilizados com fins comerciais e turísticos. Todavia, de forma mais fundamental, o profeta é caracterizado com grande especificidade e contextualidade, além de relacionado aos referentes culturais e históricos dos joaninos. Estas relações são fundamentais para perceber que, mais do

⁵ Diante de inúmeras dificuldades, optei por chamar de joaninos os sujeitos que reconhecem João Maria na contemporaneidade a partir de referenciais culturais, históricos, religiosos, políticos, turísticos, comerciais, entre outros. Estou considerando joaninos homens e mulheres com diversas origens, contextos, idades e religiosidades.

⁶ Dentre inúmeros, gostaria de destacar os trabalhos de pesquisa realizados por: Cabral (1979), Oliveira (1992), Fachel (1995), Filatow (2002), Crepeau (2004).

⁷ Inspirada pelo sentido amplo possibilitado pela hermenêutica de Ricoeur (1989), “da práxis à história”, considerei, neste trabalho, todas as práticas discursivas a respeito de João Maria, na forma oral, escrita, performática (ritual) e expressiva (iconográfica, musical, cinematográfica, cênica, televisiva, documental).

⁸ Segundo Weber, o reconhecimento é o aspecto central da legitimidade. Uma autoridade, ordem ou ação podem ser validadas aos olhos daqueles que lhes são sujeitos: pela tradição, em virtude de ligação emocional, pelo fato de uma crença racional ou por terem sido instituídas. Assim, por meio de atitude externa de imposição ou interna do sujeito, algo só é legítimo enquanto encontra reconhecimento por parte de alguém.

que lenda ou mito, João Maria é uma referência dos sujeitos para explicitar, em ação discursiva significada, elementos cruciais de seu *mundo* (Ricoeur, 1989). Constatei que os discursos a respeito de João Maria são construídos pelos joaninos no presente, estão referenciados em sua cultura histórica, servem como reforço dos valores sociais hierárquicos e como forma de encantamento do *mundo*. Seu vínculo com a natureza legítima, para os joaninos, uma *campesinidade* (Woortmann, 1990) que persiste mesmo em contexto urbano.

Importante destacar que, de forma semelhante ao contexto histórico-social-cultural de João Maria de Agostini, descrito por Karsburg, observou-se que há impregnação da vida cotidiana e uma concepção de mundo cosmizante no mundo religioso dos joaninos de Santa Catarina. Além disso, o mundo dos joaninos está integrado a uma cultura religiosa (especialmente católica) *difusa*⁹ e *profunda*¹⁰ (Steil, 2004; Velho, 1995), mas disponível para dar sentido para o mundo a qualquer momento. Esse mundo religioso está habitado por almas, santos, Deus, diabo e lideranças laicas, mas, também, de forma significativa, por João Maria, que opera junto aos católicos e pentecostais no controle da indeterminação do mundo (Quintais, 1998) e é constantemente apropriado também como referente ético, prático e religioso.

⁹ Steil (2004) fez uma leitura histórica da trajetória do catolicismo no estado do Rio Grande do Sul e constata que os diversos catolicismos teriam se sedimentado na cultura ocidental “através do calendário, festas, valores e sensibilidades cristãs construídas historicamente, mas vividas como se fossem naturais” (p. 25). A partir de Isambert, Steil define “essa forma de catolicismo como uma espécie de ‘religião invisível’, em que valores religiosos e culturais se misturam num todo indissociável”, ou seja, uma dimensão da vida religiosa “relativamente independente da hierarquia eclesiástica e dos quadros intelectuais que estão ligados a ela” (idem). No caso do Rio Grande do Sul, essa forma difusa de religiosidade teria sido conformada tanto pela tradição católica quanto pela presença histórica de um protestantismo de migração, levando o autor a defini-la como “cristianismo difuso”.

¹⁰ Composta por referências históricas e culturais que fundamentam a significação e interpretação dos sujeitos. Velho (1995) sugere que a cultura profunda se apresenta como uma forma apropriada para reinterpretar e atualizar a tradição, mantendo a simbologia viva.

De uma maneira ampla, João Maria foi percebido pelos joaninos de forma semelhante a Agostini, descrito por Karsburg – como um sujeito simples, despojado e desapegado de valores “mundanos”. Vivia só, peregrinava, era simples e despojado, mas marcadamente era visto como próximo e comprometido com os sujeitos, especialmente os sujeitos empobrecidos. Aos diferentes eremitas, somam-se características especiais de João Maria, em sua trajetória na terra, como capacidade de onisciência, onipotência, onipresença, invisibilidade, inatingibilidade, longevidade ou imortalidade, ou seja, possuía capacidade de mudar de forma, ficar invisível, levitar ou se locomover sobre as águas, modificar o estado das coisas, interferir na vida das pessoas. Essas capacidades teriam sido possibilitadas especialmente por sua condição de enviado de Deus na terra, somente esta posição o habilitaria a premiar os puros e justos e punir os injustos, avarentos e egoístas. Os joaninos sugerem que João Maria seria benzedor, milagreiro, guia, profeta, apóstolo, divindade, embora se diferenciasse dele por sua característica humana. Esta ambivalência e sua condição de penitente pelo bem da humanidade o habilitou a assumir a condição de salvador, equivalente a Jesus Cristo.

Sua caracterização também, como profeta *ético e exemplar*¹¹, permitiu-me afirmar sua multivalência¹². Segundo os joaninos, o dom de Deus o habilitou a anunciar os desígnios divinos, ensinar e aconselhar o comportamento não aprovado por Deus e, como divindade, punir os pecadores e premiar os justos, trazer a vitória do bem contra o mal, corrigir a imperfeição do mundo, salvar os homens pelas suas penitências e permitir o advento do paraíso terrestre. Dessa maneira, permitir que o apocalipse se complete.

Entre os joaninos católicos, João Maria é reconhecido como santo e devoto de forma semelhante aos santos canonizados pela Igreja Católica, mas opera também entre pentecostais no controle da indeterminação do mundo (Quintais, 1998). Os elementos de sua sacralidade estão em sua condição de peregrino penitente, poder milagroso de cura, atribuída imortalidade, comprometimento com os necessitados, capacidade de conhecer o “coração

¹¹ No sentido empregado por Weber (2000), ou seja, como um homem que, por seu próprio exemplo, mostra aos outros o caminho para a salvação.

¹² Sobre isso, ver também Welter (2012).

dos homens”. Sua condição de santo o habilitaria na contemporaneidade a punir pecadores, limpar aquilo que está sujo e tornar sagrado aquilo que toca. Os objetos que teriam pertencido a João Maria ou sido tocados por ele foram embebidos de sua consagração (Mauss, 1974) e apresentam-se como habilitados para purificar e promover a salvação, curar doenças (internas e externas), proteger espaços e pessoas, fertilizar a terra, expiar os males e propiciar proteção divina. Portanto, é santo protetor e purificador. Como indivíduo venerável, alcançou a perfeição da condição humana, a condição de purificado e conquistou definitivamente a vida e, portanto, é argumento de legitimação dos devotos frente à hierarquia católica. A cruz de cedro e a “água santa” foram os símbolos atribuídos a João Maria mais destacados nessa pesquisa e são utilizados, inclusive, por pentecostais. Outros símbolos, como orações, objetos pessoais, “medidas do santo” e imagens são também apropriados.

A pesquisa realizada em Santa Catarina possibilitou afirmar que a relação contemporânea da oficialidade católica com João Maria não é tão conflituosa quanto se ressaltou em grande parte da literatura e que o movimento legitimador de João Maria ocorre também a partir da hierarquia religiosa, especialmente aquela vinculada à Igreja Progressista, conhecida também como Igreja ou Catolicismo da Libertação, e as Pastorais Sociais (como CPT)¹³. Isto ficou evidenciado no apoio aberto (ou mais discreto) de parte do clero às atividades religiosas não institucionais, especialmente devocionais e penitenciais, envolvendo João Maria, e na apropriação da sua imagem em lutas promovidas pelas pastorais e movimentos sociais.

Muitas lideranças, muitos partidos políticos e movimentos reivindicatórios, com características populares, democráticas, autônomas e inspiradas numa perspectiva cristã da *opção pelos pobres*, surgiram no âmbito dessa Igreja Progressista. Alguns desses movimentos, nomeadamente a CPT e o MST, lançam mão de recursos pedagógicos, discursos, mitos, rituais, místicas,

¹³ Sobre as diferenças entre os catolicismos, ver Locks (1998), Oliveira (2003) e Steil (2004), entre outros. Sobre o catolicismo em Santa Catarina, ver Serpa, 1997. De forma resumida, trata-se dos catolicismos: de salvação individual, *popular/tradicional*, imigração, romanizado, da libertação/ inculturado e carismático.

símbolos (como João Maria e a cruz de cedro), organizam eventos como romarias, caminhadas, marchas e celebrações, para viabilizar e implementar os valores e princípios reivindicativos, especialmente junto à população-alvo, mas também junto à população em geral e ao Estado. Neste processo, observei um movimento duplo de legitimização – ao mesmo tempo que João Maria foi legitimado por lideranças sociais e pela Igreja da Libertação, instrumentalizou os movimentos reivindicatórios, as lideranças e as organizações.

Os discursos expressivos (Martins, 2009)¹⁴ a respeito de João Maria popularizaram-se em Santa Catarina, especialmente na década de 1980, período marcado pela abertura política, pelo surgimento de diversos movimentos sociais e pelo projeto político e governamental de resgate da memória do Contestado. A observação de obras de arte, instalações, acervo de museus, grutas, santuários, músicas, poesia, dança, peças teatrais e cinema, permitiu-me constatar que os discursos explicitam duas caracterizações de João Maria: como liderança religiosa e política ou como santo. Os sinais de reconhecimento encontrados em grutas, santuários, capitéis e capelas, indicam que sua imagem e seu símbolo são constantemente apropriados nas lutas coletivas por justiça social ou particulares no controle da indeterminação do mundo.

De maneira geral, pode-se afirmar que os discursos orais, escritos, performáticos e expressivos a respeito de João Maria em Santa Catarina na contemporaneidade, foram construídos pelos joaninos na sua cultura histórica, possuem temporalidade e expressam algo. No entanto, reforçando o processo sugerido pela hermenêutica de Ricoeur, observei que os discursos dos joaninos, embora formulados e expressados a partir das referências históricas dos joaninos e ostensivas da interlocução, afastam-se, num segundo momento, dessas referências, ultrapassam o caráter individual para assumir uma dimensão inter-humana e histórica e são objetivados, autonomizam-se e tornam-se *obras abertas* a leituras e múltiplas interpretações. Neste contexto, percebo que é o próprio discurso autonomizado dos joaninos, a princípio, a respeito de João Maria, que serviu como mecanismo de sua legitimização

¹⁴ Categoria de análise que engloba todas as manifestações capazes de exprimir uma forma ou um conteúdo estético aliado a qualquer conteúdo identitário.

(como divindade, profeta, santo, guia de procedimentos de cura ou símbolo da luta pela terra), dos discursos atribuídos a ele, dos próprios discursantes (joaninos) e de sua cultura histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base estes argumentos teóricos e os dados empíricos de Santa Catarina, afirmo que o sujeito histórico do século XIX descrito por Karsburg se mantém vivo no imaginário de inúmeros sujeitos como santo, profeta, orientador de procedimentos de cura, inspirador de movimentos sociais, bem como de projetos políticos e governamentais. Dessa forma, é apropriado, na interpretação de seu mundo, para controlar a indeterminação do mundo, para anunciar e acabar com o mal, reagir contra aquilo que não está de acordo com sua cultura, estimular a luta política ou anunciar o *mundo* desejado.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Osvaldo R. *A Campanha do Contestado*. 2. ed revisada. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

FILATOW, Fabian. Religião e política: o caso dos Monges Barbudos (Rio Grande do Sul, 1935-1938). *MÉTIS: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 2, p. 53-74, jul./dez. 2002.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. O Eremita Do Novo Mundo: a trajetória de um italiano pelos sertões brasileiros no século XIX. *Revista Eletrônica de História do Brasil*, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 61-76, jul./dez. 2007.

_____. *O Eremita do Novo Mundo – A trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)*. Tese (Doutorado em História). PPGHS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

MARTINS, Pedro. Cabo-verdianos em Lisboa: manifestações expressivas e reconstrução identitária. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 241-262, jan./jun. 2009.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. v. I. São Paulo: Epu/Edusp, 1974.

QUINTAIS, Luís et al. *Milagre que Fez*. Coimbra: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, 1998.

RICOEUR, Paul. *O conflito de Interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. *Do Texto à Acção – Ensaio de Hermenêutica II*. Porto Rês, 1989.

SERPA, Élio C. *Igreja e Poder em Santa Catarina*. Florianópolis: EdUFSC, 1997.

STEIL, Carlos A. Catolicismo e memória no Rio Grande do Sul. *Debates do NER*, Porto Alegre, vol. 01, n. 5, p. 09-30, 2004.

VELHO, Otávio. *Besta-Fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.

WEBER, Max. Sociologia da Religião. In: *Economia e Sociedade*. 3. ed. Brasília: UnB, 2000.

WELTER, Tânia. *O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo – Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2007.

_____. O Profetismo de João Maria nos discursos contemporâneos. *Debates do NER*, Porto Alegre, vol 02, n. 17, p. 11-34, 2010.

WOORTMANN, Klass. “Com parente não se neguceia”. O campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico 87*, Rio de Janeiro\Brasília, p. 11-73, 1990.

Recebido em: 05/05/2014

Aprovado em: 19/05/2014